

## **Aspectos sobre as Exportações Brasileiras de Mel: Uma Análise a Partir da Cadeia Produtiva**

João Augusto Rossi BORGES (UFRGS)

Alex LEONARDI (UFRGS)

Tania Nunes da SILVA (UFRGS)

### **Resumo**

A partir do ano 2000, o Brasil inicia um processo de inserção de seu mel no mercado internacional, ganhando rápida projeção como importante país exportador. Com esse novo *status*, o Brasil fica sujeito a enfrentar sanções comerciais por parte de países importadores. O artigo tem como objetivo analisar as exportações brasileiras de mel, bem como identificar aspectos relevantes para que os agentes da cadeia possam viabilizar o crescimento das exportações. A presente pesquisa foi classificada como exploratória, e os dados qualitativos obtidos a partir de entrevistas em profundidade com cinco especialistas da cadeia produtiva do mel foram analisados através da técnica de análise de conteúdo. A revisão de literatura está baseada na identificação dos agentes participantes da cadeia produtiva do mel. A análise dos resultados deu-se através da interpretação relativa dos dados da exportação brasileira de mel e das informações fornecidas por especialistas ligados a esta atividade. Os resultados apontam vantagens que comparativas do Brasil, e essas estão ligadas tanto a qualidade do produto, quanto a características das abelhas africanizadas. Ainda, ações para o Brasil consolidar-se no mercado mundial, estão ligadas a profissionalização do setor e maior participação do governo como agente fomentador da apicultura.

**Palavras-chaves: comercialização, cadeia produtiva, exportações brasileiras de mel.**

## **1. INTRODUÇÃO**

A apicultura vem se destacando no contexto do agronegócio brasileiro. De país eminentemente importador de mel, o Brasil passou a figurar entre os principais exportadores desse produto, dando uma nova dimensão a essa cadeia produtiva.

A partir do embargo europeu ao mel proveniente da Argentina e da China, o Brasil entra no ano de 2002, no mercado mundial desse produto. Entretanto, barreiras impostas pela União Européia ao mel brasileiro no ano de 2005, causam um redirecionamento das exportações brasileiras (Lengler, 2008).

Somando-se ao contexto da entrada do Brasil no mercado mundial de mel, algumas características de produção podem assegurar vantagens comparativas ao produto brasileiro; essas vantagens vão desde a boa qualidade do mel brasileiro, passando pela possibilidade de produção durante o ano todo, fato que ocorre devido às características de clima e flora presentes nas diversas regiões e que não são encontradas nos demais países exportadores (Souza, 2006).

Como se pode observar, a partir do cenário exposto, o Brasil tem potencial para tornar-se uma referência no mercado mundial de mel. As características de produção garantem algumas vantagens, porém somente estas não são suficientes para tornar o Brasil competitivo nesse mercado, visto que os países importadores exigem outros parâmetros estabelecidos internacionalmente.

Diante desse contexto, esse trabalho tem por objetivos analisar as exportações brasileiras de mel e, a partir da revisão de literatura e entrevistas com especialistas, identificar aspectos relevantes para que os agentes da cadeia possam viabilizar, através da estrutura de produção, o crescimento das exportações.

O artigo está estruturado em quatro partes. Primeiramente será apresentada a revisão de literatura enfatizando-se a cadeia produtiva do mel brasileiro; em um segundo momento indica-se a metodologia utilizada na condução dessa pesquisa; a terceira seção está subdividida em duas partes: a primeira apresentando o panorama das exportações brasileiras de mel e a segunda discutindo aspectos da produção e comercialização do mel, considerando as ações adotadas para consolidação e ampliação desse comércio; e, por fim, faz-se um fechamento com as considerações sobre o tema abordado.

## **2. CADEIA PRODUTIVA DO MEL**

Essa revisão de literatura busca apresentar a formatação da cadeia produtiva do mel, no sentido de identificar os agentes participantes para uma análise posterior da possibilidade de ações, por esses, como forma de viabilizar, além de se adequar as normatizações para o crescimento das exportações.

Apesar de a apicultura brasileira ter um grande potencial, este ainda não é explorado na sua totalidade. Fatores ligados principalmente a flora e a fauna tornam a exploração dessa atividade propícia nos diversos estados brasileiros (Lengler & Rathmann, 2006).

Gonçalves (2000) argumenta que embora o potencial não seja explorado na sua totalidade, a apicultura está em ascensão, sendo hoje mais conhecida internacionalmente pelo domínio da metodologia de controle das abelhas africanizadas e pelo significativo crescimento da indústria apícola.

Dentro dessa atividade destaca-se a produção de mel. A crescente procura e valorização desse produto pelo mercado internacional têm reorientado o foco e as estratégias de participação no mercado, levando a cadeia produtiva do mel brasileiro a se organizar de modo a atender aos novos parâmetros de competitividade visando uma participação sustentável a nível mundial (Perosa *et. al.* 2004). Essa busca por parâmetros competitivos foi acentuada a partir das restrições impostas pela União Européia ao produto brasileiro no ano de 2006.

A ascensão da apicultura brasileira fez com que novas pesquisas sobre a cadeia produtiva do mel emergissem; esses trabalhos são geralmente realizados com o intuito de mapear esse tipo de arranjo nos diversos estados brasileiros (Lengler & Rathmann, 2006; Lira, *et al.*, 2007; Souza, *et al.* 2008), pois segundo Buainain e Batalha (2007) a produção de mel no Brasil é diferenciada regionalmente. É importante pontuar que, embora as pesquisas sobre mel estejam em ascensão, o enfoque as exportações brasileiras desse produto são ainda incipientes.

No presente trabalho, optou-se por utilizar a pesquisa de Batalha & Buainain (2007) como referencial básico, pois essa publicação foi desenvolvida com o objetivo de mapear a cadeia produtiva do mel no Brasil além de que, apesar de existir diferenças, os estudos das cadeias regionais apresentam basicamente os mesmos agentes

No estudo da cadeia produtiva do mel brasileiro Batalha & Buainain (2007) entendem que a mesma é simples e linear. Para esses autores esse arranjo existe enquanto seqüência do processo produtivo, porém está longe de se constituir como uma cadeia organizada, com presença de coordenação formal. Entretanto, no período recente, notam-se várias iniciativas de criação de cadeias de suprimento mais estruturadas, em geral por iniciativa de associações e cooperativas de apicultores, ou de *traders* interessados em assegurar a qualidade do produto comercializado no mercado externo.

Destacam-se entre os produtores os pequenos com base na agricultura familiar e com baixo poder aquisitivo, os apicultores amadores e os *hobbistas* e apicultores individuais ou empresas profissionais. É importante pontuar que está ocorrendo um aumento dos apicultores considerados profissionais, por tratarem a atividade como negócio. Ainda, os apicultores vêm se organizando em cooperativas e/ou associações, o que permite ganho de escala, intercâmbio de conhecimento e facilidades de acesso a crédito/financiamento (Batalha & Buainain, 2007).

A partir da produção, o mel passa pelo processo de industrialização nas chamadas “Casas do Mel”. Esses entrepostos onde ocorre o processamento são geralmente ligados às associações ou cooperativas, sendo que em algumas cidades há o entreposto público criado pelas prefeituras. Após o processamento, o produto é encaminhado para os distribuidores ou representantes de empresas que o transportam até o ponto de venda (Batalha & Buainain, 2007).

Nos insumos e equipamentos necessários a produção de mel, Batalha & Buainain (2007) afirmam que uma parte é importada e outra desenvolvida e produzida no território nacional, em geral por empresas que operam fisicamente no âmbito local e atendem o mercado à distância.

As instituições públicas e privadas que se dedicam a difusão da apicultura, com treinamentos e transmissão de conhecimento especializado, e ao fomento à profissionalização dos apicultores são Embrapa, o Sebrae, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Batalha & Buainain, 2007). Ainda, destacam-se a Emater e Universidades (Lengler & Rathmann, 2006).

A partir da revisão de literatura, a qual cumpriu com o objetivo de identificar os agentes participantes da cadeia, pode-se perceber que o processo de exportação de mel ainda é tratado de forma incipiente, apesar das potencialidades do Brasil nesse segmento.

### 3. METODOLOGIA

Conforme os objetivos estabelecidos, essa pesquisa pode ser classificada, de acordo com Gil (2002), como de caráter exploratório, pois visa proporcionar maior compreensão ao fenômeno que se está investigando.

Segundo Cortes (2005) quando a literatura sobre determinado tema ou fenômeno é escassa a pesquisa será de caráter exploratório; essa classificação se aplica ao fenômeno estudado na presente pesquisa, qual seja a comercialização do mel brasileiro com foco nas exportações; essa mesma autora afirma que nesses casos as entrevistas serão uma das principais técnicas utilizadas para obtenção de dados e a análise dos mesmos deve ser feita por métodos qualitativos. Portanto, para uma maior compreensão do fenômeno estudado, optou-se por realizar entrevistas em profundidade com especialistas da área, com posterior análise qualitativa dos mesmos.

Duarte (2005) reforça que pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Portanto, o instrumento para a coleta de dados utilizado nesse trabalho foi o de um questionário semi-estruturado.

Quanto ao número de especialistas entrevistados em uma pesquisa qualitativa, Duarte (2005) entende que o procedimento que se tem mostrado mais adequado é o de ir realizando entrevistas, até que o material obtido permita uma análise mais ou menos densa das relações estabelecidas naquele meio.

Nesse sentido, realizou-se entrevistas com cinco especialistas na cadeia produtiva do mel, e os dados foram interpretados utilizando-se da técnica de análise de conteúdo. Além disso, foram analisados indicadores da comercialização do mel brasileiro no período entre 2000 e setembro de 2009, bem como a participação dos Estados nesse comércio e os principais países de destino.

### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados apresenta-se a partir da interpretação relativa aos dados da exportação brasileira de mel e das informações fornecidas por especialistas ligados a esta atividade.

#### 4.1 Exportações Brasileiras de Mel

A análise dos dados da exportação de mel nos mostra, conforme a Tabela 1, que o Brasil cresce significativamente entre 2000 e 2002, apresentando novo cenário exportador para esse produto, passando de pouco mais de 340 mil Kg para mais de 12,6 mil toneladas nesse período. No ano de 2003 exporta 19,3 mil toneladas, um acréscimo de 52,44% em relação ao ano anterior e chegando ao ano seguinte a um volume de mais de 21 mil toneladas.

**Tabela 1 - Exportação Brasileira de Mel (2000 - 2009)**

ANO	US\$	Kg	US\$/Kg	Cresc. % (US\$)	Cresc. % (Kg)
2000	342.171,00	269.103	1,27	-	-
2001	2.826.839,00	2.489.214	1,14	726,15	825,00
2002	23.172.952,00	12.643.362	1,83	719,75	407,93
2003	45.569.637,00	19.273.750	2,36	96,65	52,44
2004	42.386.237,00	21.037.118	2,01	-6,99	9,15
2005	18.972.455,00	14.447.958	1,31	-55,24	-31,32
2006	23.372.924,00	14.601.908	1,60	23,19	1,07
2007	21.194.121,00	12.907.267	1,64	-9,32	-11,61
2008	43.571.114,00	18.271.294	2,38	105,58	41,56

<b>2009*</b>	52.642.187,00	21.155.907	2,49	20,82	15,79
--------------	---------------	------------	------	-------	-------

Fonte: MDIC / SECEX

(\*) Dados até Setembro de 2009

A mudança no *status* do Brasil frente ao mercado mundial do mel decorreu de um embargo da União Européia à China no ano de 2002. A partir dessa restrição, países tradicionalmente exportadores ou até mesmo países sem expressão no cenário mundial do mel (grupo no qual o Brasil estava incluído) aproveitaram-se do “vácuo” deixado pela China e passaram a suprir essa demanda, beneficiando-se do momento de elevação dos preços do produto (Lengler, 2008; Crespam & Sherer, 2009).

A China volta ao mercado mundial do mel em 2005 e a União Européia embarga em 2006 o mel brasileiro, sob alegação de ausência de controle e monitoramento de resíduos (Lengler, 2008).

Pode-se perceber então que nesse período houve uma redução significativa das exportações brasileiras, em 2005 foram 31,32% em relação a 2004, estabilizando em 2006, e ainda uma redução de 11,61% em 2007.

O volume exportado em 2006 não sofre grande alteração, pois houve um redirecionamento, sobretudo diminuindo as importações alemãs, até então nosso maior comprador, e aumentando as importações do mel brasileiro por parte dos Estados Unidos (Sebrae, 2006).

Aos poucos o Brasil começou a recuperar o mercado europeu, por ações conjuntas promovidas por órgãos governamentais, pelas associações dos apicultores e por agentes de fomento da cadeia produtiva do mel. A partir de 2008 as exportações para o mercado europeu retornaram aos patamares pré- embargo (Crespam & Sherer, 2009).

Em relação a 2007, as exportações em 2008 cresceram 41,56%, e acompanhadas por uma elevação nos preços de 105,58% representaram um aumento na receita bruta que passou de US\$ 21.194.121,00 para US\$ 43.571.114,00, conforme a Tabela 1. A qual também mostra, para 2009, considerados os dados até setembro, um aumento considerável tanto para o volume exportado quanto para os preços pagos pelo produto.

Entre os Estados brasileiros exportadores, conforme a Tabela 2, no acumulado do período entre 2007 e setembro de 2009, destaca-se São Paulo, com uma participação 30,30%. O Rio Grande do Sul aparece como segundo maior exportador participando com 16,31%, no período; em seguida, o Ceará com 15,97%; logo abaixo aparecem Piauí e Santa Catarina com 11,08% e 10,85%, respectivamente.

**Tabela 2 - Exportação Brasileira de Mel por Estado (2007 - 2009)**

UF	2007		2008		2009		Total (2007 - 2009)		Participação %Toneladas
	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	
SP	7.238,34	4.454,03	13.274,87	5.685,10	14.047,98	5.714,59	34.561,19	15.853,71	30,30
RS	2.763,52	1.851,49	8.687,68	3.715,42	7.507,75	2.966,20	18.958,95	8.533,12	16,31
CE	3.223,66	1.731,50	6.741,70	2.570,27	10.545,65	4.054,60	20.511,01	8.356,38	15,97
PI	2.903,10	1.731,50	4.405,61	1.966,27	4.917,97	2.097,31	12.226,68	5.795,07	11,08
SC	2.222,19	1.445,19	3.522,73	1.396,25	7.088,95	2.835,32	12.833,86	5.676,75	10,85
PR	1.487,11	834,50	3.798,71	1.563,37	3.841,28	1.474,09	9.127,11	3.871,96	7,40
RN	865,55	554,98	2.114,57	951,83	3.514,55	1.532,13	6.494,66	3.038,94	5,81
MG	425,53	265,51	667,13	271,08	550,18	247,66	1.642,83	784,25	1,50
MA	0,00	0,00	187,97	73,79	323,78	117,67	511,75	191,46	0,37
MT	0,00	0,00	94,48	38,10	165,97	57,23	260,44	95,33	0,18
PE	57,07	37,06	71,71	37,95	0,00	0,00	128,78	75,01	0,14
BA	0,00	0,00	0,00	0,00	167,63	58,00	167,63	58,00	0,11
MS	0,00	0,00	94,48	38,10	0,91	0,07	95,38	38,17	0,07
<b>TOTAL</b>	<b>21.194,12</b>	<b>12.907,26</b>	<b>43.665,59</b>	<b>18.309,39</b>	<b>52.510,56</b>	<b>21.097,91</b>	<b>117.370,27</b>	<b>52.314,55</b>	<b>99,99</b>

Fonte: MDIC / SECEX

(\*) **Dados até Setembro de 2009**

Como destaque entre os Estados, o Ceará, passa de 2.570,27 em 2008 para 4.054,60 Toneladas, em 2009 considerando as exportações até setembro desse ano, ultrapassando o Rio Grande do Sul, que nesse período exportou 2.966,20 Toneladas.

A Tabela 3 mostra o destino das exportações brasileiras de mel, no período entre 2007 e setembro de 2009, período em que se pode observar a participação significativa da quantidade exportada para os EUA, destino de 75,35% do mel exportado. Outros países que são representativos nas exportações de mel são a Alemanha, com 12,51%; o Canadá e o Reino Unido, com 5,08 e 4,06%, respectivamente.

No caso dos EUA ainda pode-se perceber um aumento no preço pago pelo Kg do mel que passou de US\$ 1,62 para US\$ 2,37.

**Tabela 3 - Exportação Brasileira de Mel por Principais Países de Destino (2000 - 2009)**

PAÍS	2007		2008		2009		Total (2007 - 2009)		Participação
	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	Mil US\$	Toneladas	% Toneladas
EUA	19.058,34	11.704,26	31.844,14	13.693,75	33.184,53	13.974,98	84.087,01	39.372,99	75,35
Alemanha	29,44	20,30	7.188,74	2.706,13	10.643,30	3.808,57	17.861,48	6.535,00	12,51
Canada	1.470,82	843,76	2.308,32	896,54	2.313,38	913,50	6.092,51	2.653,80	5,08
Reino Unido	0,22	0,00	954,19	409,09	4.562,58	1.714,57	5.516,99	2.123,65	4,06
Africa do Sul	426,03	251,78	316,91	142,16	0,00	0,00	742,94	393,94	0,75
Belgica	0,00	0,00	155,50	61,91	337,14	131,95	492,64	193,86	0,37
Holanda	0,00	0,00	0,00	0,00	467,42	186,76	467,42	186,76	0,36
França	0,00	0,00	105,45	38,98	312,48	120,96	417,93	159,94	0,31
Japão	62,48	22,44	129,66	51,96	107,01	25,08	299,15	99,48	0,19
India	0,00	0,00	163,79	97,68	0,00	0,00	163,79	97,68	0,19
Arabia Saudita	0,00	0,00	180,68	92,96	0,00	0,00	180,68	92,96	0,18
Dinamarca	0,00	0,00	0,00	0,00	180,63	80,64	180,63	80,64	0,15
Suíça	0,00	0,00	0,00	0,00	223,84	80,43	223,84	80,43	0,15
Panama	42,63	21,46	53,20	21,28	59,51	22,04	155,34	64,78	0,12
Austrália	79,98	38,94	45,97	20,00	0,00	0,00	125,96	58,94	0,11
Uruguai	0,00	0,00	55,44	25,20	0,00	0,00	55,44	25,20	0,05
Coreia do Sul	0,00	0,00	10,00	2,50	25,71	9,53	35,71	12,03	0,02
China	3,64	0,11	20,23	3,70	11,69	1,74	35,55	5,55	0,01
Hong Kong	6,30	2,10	9,06	1,77	9,77	1,55	25,12	5,41	0,01
Angola	8,35	0,94	8,79	2,15	12,00	1,65	29,14	4,73	0,01
<b>TOTAL</b>	<b>21.194,12</b>	<b>12.907,27</b>	<b>43.571,11</b>	<b>18.271,29</b>	<b>52.455,39</b>	<b>21.074,76</b>	<b>117.220,62</b>	<b>52.253,32</b>	<b>99,99</b>

Fonte: MDIC / SECEX

(\*) **Dados até Setembro de 2009**

Ainda pode-se perceber pela Tabela 3 o surgimento da Bélgica, da Holanda, da França, além da Dinamarca e Suíça como potenciais importadores do produto brasileiro, dado pelas quantidades do último período.

## 4.2 Aspectos da Produção e Comercialização do Mel

No que se refere à comercialização, com foco nas exportações brasileiras de mel, as entrevistas realizadas apontam para manutenção do modelo de exportação a granel, pelo menos no curto e médio prazo, sendo essa lacuna de tempo de no mínimo de 10 anos. Os entrevistados enfatizam que em nível de País não há grande número de empresas dedicadas ao

envase e colocação da própria marca para exportação de um produto com maior valor agregado.

No caso específico do Rio Grande do Sul, segundo maior estado exportador de mel, algumas ações no sentido de agregar valor ao produto estão sendo realizadas por produtores.

Em uma das entrevistas, ressaltou-se que a cidade de São Gabriel no interior do Rio Grande do Sul, está com um projeto para constituição de uma cooperativa de apicultores. Essa cooperativa terá cooperados de diversas regiões do estado, e construirá um entreposto próprio para envase e posterior comercialização do mel com marca própria. Embora o foco inicial dessa organização seja a comercialização no mercado interno, pode-se perceber pelas entrevistas realizadas que nos próximos anos a cooperativa terá condições de iniciar o processo de exportação de mel.

Essa constatação vai ao encontro da tendência observada por Batalha & Buainain (2007) quando eles afirmam que no período recente, notam-se várias iniciativas de criação de cadeias de suprimento mais estruturadas, em geral por iniciativa de associações e cooperativas de apicultores.

Os entrevistados afirmaram que no atual momento às barreiras enfrentadas para a entrada do mel brasileiro em países importadores, não se constituem em um problema, embora tenham ressaltado que em anos recentes o Brasil tenha sofrido um embargo por parte da União Européia. Embargo esse que ocorreu no ano de 2003, quando uma comissão técnica da União Européia esteve no Brasil a fim de analisar a rastreabilidade e sanidade de diversas cadeias do agronegócio. Especificamente para a cadeia apícola, os técnicos europeus recomendaram ao governo brasileiro a construção de laboratórios para controle e monitoramento de resíduos do mel. Entretanto, os técnicos europeus, ao voltarem ao Brasil no ano de 2005 não encontraram nenhum laboratório realizando esse controle e a partir de então o mel brasileiro sofreu embargo da União Européia.

Nesse sentido, um dos entrevistados afirmou que esse embargo não foi um problema insuperável para o Brasil e até teve um lado positivo, pois a partir dessa restrição, o Brasil começou a direcionar o mel para outros países importadores, com destaque para os Estados Unidos.

Para a recuperação do mercado europeu, o que somente aconteceu no ano de 2008, os entrevistados pontuaram dois aspectos que consideraram fundamentais, sendo um realizado pelo governo brasileiro e outro pelos próprios países importadores. A ação governamental teve impacto na recuperação do mercado, pois atendeu as especificações de construção de laboratórios para controle e monitoramento de resíduos do mel. Outro aspecto ressaltado foi a pressão realizada por parte de países consumidores europeus devido à escassez do produto em seu território, fato agravado pela detecção de antibióticos no mel de países como Argentina e China que tradicionalmente exportavam seus produtos para a União Européia.

Quanto às ações adotadas pelos agentes da cadeia produtiva do mel para manter ou até mesmo aumentar as exportações, os entrevistados afirmaram que essas ainda estão aquém das possibilidades do Brasil e extensão dos mercados importadores.

No caso dos produtores, os especialistas entrevistados alegaram que a adoção de tecnologias modernas é ainda um problema a ser superado pela cadeia produtiva. Ainda, afirmaram que é necessário adotar uma postura mais profissional na condução do negócio. Esse problema já foi detectado em outros trabalhos, como os de Lengler (2008) e Batalha & Buainain (2007). Outro aspecto ressaltado foi a necessidade dos produtores se organizarem em arranjos produtivos onde a cooperação entre eles esteja presente; esses arranjos caracterizam-se nas figuras das associações e cooperativas de produtores, os quais já estão se difundindo na cadeia produtiva do mel.

Para que as tecnologias modernas sejam incorporadas pelos produtores, os resultados da pesquisa apontam a necessidade de uma maior atuação dos órgãos governamentais, entre

eles a EMATER e o SENAR. Um dos entrevistados manifestou preocupação no sentido de que não somente os produtores devem ser treinados na adoção de tecnologias, mas que os técnicos das instituições difusoras também têm de passar por um processo de reciclagem e capacitação.

A atuação do governo seja Federal, Estadual ou Municipal é classificada pelos entrevistados como pontual na cadeia produtiva do mel, bem como no processo de exportação. As ações adotadas até o momento são no sentido de disponibilizar crédito para os produtores, principalmente na região Nordeste. Foram apontadas deficiências quanto à atuação dos governos, pois segundo os entrevistados o Estado atua sempre com medidas para sanar um problema ocorrido, como no caso do embargo da União Européia, faltando, portanto, ações estratégicas para manter o Brasil na condição de grande exportador de mel. Os entrevistados sugeriram ações como um Programa Nacional de Sanidade Apícola, o qual já está desenvolvido, porém, não implementado. Esse plano tem o objetivo de manter a sanidade das abelhas brasileiras. Outra ação destacada pelos entrevistados é a atuação do governo em feiras e exposições de mel em outros países a fim de difundir a qualidade do mel brasileiro.

No que tange as perspectivas para exportações do mel, os entrevistados afirmaram que algumas características da produção brasileira podem comprometer a entrada do produto em alguns países. Essas características estão ligadas a transgenia utilizada em algumas lavouras comuns nos campos brasileiros, como, por exemplo, a soja. Os especialistas enfatizaram que como as abelhas podem colher o pólen dessas lavouras transgênicas, o mel oriundo dessa flora pode ser detectado por testes de laboratório e sofrer restrições para entrada em alguns mercados.

Uma vantagem que poderá ser utilizada pelos produtores brasileiros é a diversidade da flora encontrada no Brasil; os entrevistados entendem que a classificação do mel pela predominância do pólen que o constitui pode se tornar um diferencial no momento da comercialização. Como exemplo, foi citado o mel com predominância do pólen de eucalipto, o qual tem características de qualidade que é apreciada pelos consumidores.

Por fim, as entrevistas realizadas apontaram para uma vantagem advinda dos enxames brasileiros. Essa vantagem ocorre porque as abelhas africanizadas, as quais predominam no Brasil, são resistentes a alguns microorganismos, enquanto que em outros países produtores de mel, os enxames onde predominam abelhas européias são extremamente susceptíveis a bactérias e ácaros. Portanto, no Brasil não há necessidade da utilização de antibióticos e acaricidas que posteriormente poderiam ser detectados no mel. Essa acaba se tornando uma vantagem brasileira frente a outros países exportadores de mel, como por exemplo, Argentina e China.

## **5. CONCLUSÕES**

O trabalho teve por objetivos apresentar e analisar as exportações brasileiras de mel, além de identificar aspectos relevantes para que os agentes da cadeia possam viabilizar, através da estrutura de produção, o crescimento das exportações, ou seja, uma maior participação do Brasil, que pelas suas características apresenta enorme potencial de se estabelecer como um dos principais atores mundiais nesse mercado.

A revisão da literatura trouxe alguns elementos importantes para que fosse possível atingir os objetivos traçados para esse trabalho, no entanto, para a exportação específica de mel, a literatura ainda carece de uma abordagem aprofundada, e que de condições de melhor visualizar os aspectos que circundam esse processo.

Com relação aos resultados, pode-se dizer que a partir do espaço deixado pelo embargo ao mel da China em 2002, o Brasil atinge novos patamares, como exportador. No período posterior ao embargo estabelecido pela União Européia ao Brasil observa-se um



crescimento significativo das exportações desse produto. Entre os países importadores do mel brasileiro, os EUA se apresentam como o principal comprador, representando mais de 75% do destino do produto e a Alemanha aparece como segundo maior importador com 12,51%. A partir de 2009 surgem outros países como potenciais compradores, os quais devem ser considerados na intenção de ganho de mercado para o produto brasileiro. Entre os Estados brasileiros, São Paulo se destaca com quase 1/3 das exportações, em segundo aparece o Rio Grande do Sul e, em seguida o Ceará com grande crescimento especialmente em 2009.

A partir das entrevistas realizadas, alguns outros aspectos de grande importância foram abordados no sentido de contribuir para compreender as necessidades, e possibilidades que podem partir do processo de produção para um aumento das exportações. Entre esses aspectos pode-se destacar a falta de beneficiadoras, sejam elas empresas, cooperativas ou associações, com capacidade de agregar valor ao mel, e sendo assim há uma perspectiva de que as exportações continuem sendo a granel; no entanto parecem surgir algumas iniciativas visando a agregação de valor; quanto as restrições ao comércio através de barreiras comerciais, os entrevistados não se mostraram pessimistas, mas apontando para a necessidade de adaptação as normas estabelecidas; outro aspecto importante foi a necessidade de qualificação do processo de produção através da adoção de técnicas modernas e a forma com que essa é transmitida para o produtor, além da própria condução do negócio; percebeu-se também a falta de uma participação dos órgãos públicos mais efetiva através de políticas públicas que criem melhores condições para o processo como um todo.

Percebe-se ainda, que o Brasil apresenta vantagens na produção de mel quando comparado a outros produtores mundiais, seja pela qualidade do produto, seja pela resistência das abelhas africanizadas ou ainda pela capacidade de produção durante todo o ano.

Por fim, a partir dessa investigação exploratória, fica o desafio e as sugestões de que pesquisas futuras insiram-se no processo de exportação do mel, com trabalhos que visem entender e contribuir para que o Brasil se consolide no mercado mundial de mel.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Batalha, M. O., Buainain, A. M. (2007). Cadeia Produtiva de Flores e Mel. *Série Agronegócios*. V.9.

Crespam, C.C., Scherer, F.L. (2009). *Nem Tudo São Flores na Produção e na Exportação de Mel: Barreiras Técnicas em Foco*. Anais do 5<sup>ème</sup> Colloque de l'IFBAE – Grenoble, França.

Cortes, S. M. (2002). Como Fazer Análise de Análise Qualitativa de Dados. In: D. A. Bêrni (Coord.). *Técnicas de Pesquisa em Economia* (Cap. 11, pp. 234-270). São Paulo: Saraiva.

Duarte, R. (2002). Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Caderno de Pesquisas*. São Paulo. n. 115.

Gil, A. C. (2002). *Técnicas de Pesquisa em Economia e Elaboração de Monografias*. 4 ed. São Paulo: Atlas.

Gonçalves, L.S. (2000). *Perspectivas da Exploração da Apicultura com Abelhas Africanizadas no Contexto Apícola Mundial*. Anais do Congresso Brasileiro de Apicultura. Florianópolis, SC, Brasil.

Lengler, L. (2008). Sustentabilidade, Empreendedorismo e Cooperação em Associações de Apicultores Gaúchos: Uma Análise dos Gestores Associados. Dissertação de Mestrado.

Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócio (CEPAN), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Lengler, L. & Rathmann R. (2006). Assimetria de Relacionamentos na Cadeia Apícola do Rio Grande do Sul. *Revista da FAE*. Curitiba. V.9, n.2, p 51-62.

Lira, G. A de, Oliveira, N. A. de, Mendonça, G. A. de. (2007). *A Influência da Capacitação no Processo de Desenvolvimento da Cadeia Produtiva do Mel no Rio Grande do Norte*. Anais do XXVII Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Foz do Iguaçu, PR, Brasil.

Perosa, J. M. , Arauco, E. M., Santos, M. L., Albarracín, V. N. (2000). Parâmetros de Competitividade do Mel Brasileiro. *Revista Informações Econômicas*. São Paulo. V.34, n.3.

Sebrae (2006). Mel do Brasil: as Exportações Brasileiras de Mel no Período de 2000 – 2006 e o Papel do Sebrae. Brasília: Sebrae.

Secretaria de Comércio Exterior. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Recuperado em 19 set 2009 de: <http://www2.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatisticas/balComercial.php>

Souza, D. C. (2006). *Adequando a Apicultura Brasileira para o Mercado Internacional*. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Apicultura, 2006, Aracajú, SE, Brasil.

Souza, L. S. de (2008). Estudo da Competitividade da Cadeia Apícola de Santa Catarina a partir dos Impactos dos Ambientes Institucional, Organizacional e Tecnológico. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.